

A DESMOBILIZAÇÃO AMERICANA NA GUERRA DO AFGANISTÃO

Palavras-Chaves: Logística Reversa; Ciclo Logístico; Talibã; Retirada Americana, Afeganistão, Exército Americano

1. INTRODUÇÃO

Uma vez que a lei da gravitação universal de Newton assegura, em termos leigos, que tudo aquilo que sobre deve descer. De maneira análoga, deveria existir uma lei universal para a logística militar, onde tudo aquilo que é levado para a guerra, deve voltar.

Entretanto, analisando o histórico de logística reversa do Exército Americano nos últimos conflitos, principalmente no Oriente Médio, percebemos que essa “lei universal” da logística militar não vem sendo obedecida pelos americanos.

O manual do Exército Brasileiro EB70-MC-10.238: Logística Militar Terrestre, publicado em 2018 enxerga a logística militar terrestre como sendo parte de um ciclo logístico, que engloba a determinação das necessidades, a obtenção e a distribuição ou execução da manutenção. Entretanto esse ciclo não encerra na distribuição, pois após a utilização do material de emprego militar, deve haver a logística reversa, onde serão considerados os aspectos de responsabilidade patrimonial, disponibilidade e confiabilidade de dados dos sistemas de informações logísticas disponíveis, necessidade de meios de transporte, pessoal e infraestrutura e definição da destinação final. (p. 2-23, BRASIL, 2018)

Isso quer dizer que a partir do momento que o ciclo logístico de um determinado material é dimensionado, a logística reversa deste material deve ser planejada. No Exército Brasileiro, “o responsável pela destinação final dos materiais mobilizados, ou que adquiridos de forma centralizada pelo Comando Operativo ativado, terão seu destino final definido pelo EMCFA, em coordenação com as Forças Singulares. (p. 2-24, BRASIL, 2018)

A doutrina militar brasileira foi concebida através do estudo de diversas doutrinas militares ao redor do mundo, com grande destaque para a doutrina militar norte-americana, uma vez que são uma das tropas mais empregadas em conflitos bélicos recentes. Então é possível dizer que o Exército Americano também nutre a preocupação com a desmobilização do material de emprego militar distribuído para a tropa. Mas será que a logística reversa americana está sendo, de fato, efetiva? Veremos, no presente estudo, um enfoque sobre o mais recente caso de falha na logística militar reversa americana: o fiasco na desmobilização do Exército Americano após a retomada do Afeganistão pelo Estado Islâmico. Buscaremos inferir sobre em que momento o Exército Americano errou ao dimensionar a sua desmobilização.

2. BREVE CONTEXTO HISTÓRICO ACERCA DA GUERRA DO AFGANISTÃO

Para atingirmos os objetivos propostos, é necessário, primeiramente, entendermos um pouco sobre a Guerra do Afeganistão, que consistiu em uma fase da Guerra Civil Afegã, iniciada em 2001 e finalizada em 2021 com a saída dos americanos do Afeganistão e retomada do país pelo Talibã.

Com o fim da guerra, em 2021, a Guerra do Afeganistão, se tornou a guerra mais longa na qual o Exército Americano participou, durando, aproximadamente duas décadas. Este conflito se apresentou como um enorme desafio, tanto para os EUA quanto para as tropas da Organização do Tratado Atlântico Norte (OTAN), devido ao alto custo financeiro e das mortes de milhares de soldados americanos, dentro de um país historicamente apelidado de “Cemitério de Impérios”. (p.100, GAJIC, 2021)

Apesar do longo tempo de duração, podemos dizer que os objetivos norte-americanos não foram atingidos, mesmo após o longo tempo do conflito, dinheiro investido e diversas operações militares conduzidas em território afegão. Apesar de todo esse contexto, acredita-se que uma das maiores derrotas sofridas pelo Exército Americano tenha sido a enorme quantidade de material de emprego militar diverso deixados para trás após uma desmobilização mal planejada e realizada às pressas, a qual abordaremos com maiores detalhes no presente trabalho.

Após os ataques terroristas de 11 de setembro de 2001, os EUA lideraram uma ofensiva no território afegão, com o pretexto de combate ao terrorismo, que rapidamente derrubou o governo talibã que, alegadamente, apoiava a rede terrorista Al-Qaeda, sob o território afegão. Os talibãs, portanto, se opuseram ao avanço das tropas americanas e da OTAN. Estes dois, por último, se juntaram a movimentos de resistência, incluindo a Aliança do Norte. Enquanto os Estados Unidos e seus aliados espalharam bases militares perto de grandes cidades em todo o país, a maioria dos membros da Al-Qaeda e do Talibã refugiaram-se no Paquistão ou se retiraram para as regiões rurais e montanhosas do país.

Ao longo de aproximadamente dez anos, a coalisão liderada pelos EUA e a insurgência talibã protagonizaram intensos combates por todo o país. Entretanto, após uma operação dos *Navy SEALs* em conjunto com a Agência Central de Inteligência americana (CIA), em 1º de maio de 2011, o governo norte-americano anunciou que havia neutralizado o terrorista Osama bin Laden, considerado um dos mentores dos ataques terroristas de 11 de setembro de 2001.

A partir deste momento, o então Presidente dos Estados Unidos da América, Barack Obama, tomou a decisão de, em breve, iniciar a retirada das tropas americanas do Afeganistão, uma vez que já havia bastante pressão da opinião pública acerca da relação custo-benefício entre os gastos bilionários com a manutenção de

tropas americanas, além das mortes de militares americanos no conflito, com os resultados obtidos pela coalisão.

Como resultado, em 2012, os EUA e as tropas da OTAN elaboraram um plano para retirada das tropas do território afegão. A partir do qual, os EUA passariam de combatentes para conselheiros. Entretanto, em 2014, com o início da retirada das forças internacionais do território afegão o Talibã começou a ganhar força novamente, intensificando ataques e atentados por todo o Afeganistão.

Em 28 de dezembro de 2014, as tropas da OTAN e dos EUA formalizaram o encerramento das suas operações militares no Afeganistão. Contudo, o contingente americano remanescente no país intensificou os ataques utilizando aeronaves não tripuladas, drones, entre outros métodos de ataques sem emprego de tropa. Enquanto isso, com a iminente diminuição do efetivo empregado no Afeganistão, o Talibã e a Al-Qaeda começaram a aumentar gradativamente as suas atividades, principalmente na região fronteira com o Paquistão.

Muito se discute sobre as razões acerca do motivo pelo qual o exército americano e as tropas da OTAN tenham falhado em obter uma vitória decisiva sobre o Talibã, entre outros grupos extremistas que operam no oriente médio ao longo de todo este tempo. Entre os diversos motivos para o insucesso norte-americano, trataremos de dois mais especificamente.

O primeiro deles reside na motivação dos talibãs. Este grupo fundamentalista islâmico possui grande motivação religiosa, a partir da qual eles desejam assumir o poder do Afeganistão para então impor, sobre a população, a sua interpretação radical da *Sharia*, a lei que trata do modo de agir dos muçulmanos. Portanto, mesmo com o passar dos anos, os Estados Unidos não conseguiram remover dos talibãs a vontade de combater pelos seus ideais, em suma porque muitos de seus seguidores são doutrinados desde pequenos a seguirem os preceitos do islamismo praticados pelo talibã.

O segundo motivo elencado é o financiamento do Talibã. Este grupo, durante a Guerra do Afeganistão de 1979, teve seu treinamento e armamento financiado pelos Estados Unidos de modo que pudessem tomar o poder do Afeganistão, que naquele momento possuía um governo socialista. Durante cerca de dez anos, lutaram contra os soviéticos que apoiavam o governo local, conseguindo forçar uma retirada soviética em 1989. Logo após, derrotaram o que remanesceu do governo socialista afegão e assumiram o comando do país, ganhando força durante a década de 1990. Atualmente o Talibã consegue manter o seu financiamento, principalmente com o tráfico de drogas, uma vez que o Afeganistão é o maior produtor de ópio do mundo, e o Talibã domina as regiões de plantação do entorpecente.

Avaliando o conflito de um ponto de vista mais abrangente, o correspondente de segurança da BBC, Frank Gardner diz o seguinte: “A resposta se duas décadas dos EUA no Afeganistão valerem a pena, depende do seu parâmetro”. E ele explica que se você levar em consideração o principal objetivo das forças estrangeiras, quer seja, o contraterrorismo internacional, a coalizão logrou êxito, uma vez que desde o início da Guerra do Afeganistão não houve sequer um ataque terrorista que tenha sido planejado de dentro do país.

3. A FALHA NA LOGÍSTICA MILITAR REVERSA DO EXÉRCITO AMERICANO

Para entender a complexidade de realizar a logística reversa do material militar do Exército Americano no Afeganistão, precisamos compreender o que tornou esta atividade tão difícil de ser executada.

Especialistas em logística afirmam que desde 2012, quando o Exército americano iniciou o planejamento para a retirada de suas tropas do Afeganistão, fora levantado que seriam necessários retirar dezenas de milhares de equipamentos militares diversos, com graus de complexidade diferentes. Dezembro de 2014 marcou o fim das operações regulares das forças estrangeiras no Afeganistão, entretanto, até aquele momento, a maioria o material permanecia no teatro de operações para dar suporte à tropa que ainda se encontrava no país.

O Exército Americano mantinha nas cerca de 820 bases militares no Afeganistão, cerca de 30 bilhões de dólares em materiais militares. Eram veículos, blindados, helicópteros, contêineres, geradores, materiais de comunicação, armamentos e munições diversas, entre outros. O desafio era retirar esse material de um país com carência em diversas áreas, inclusive infraestrutura de transporte e empresas logísticas. Mas o maior desafio era mover esse material através de regiões montanhosas, de difícil acesso, com amplitudes térmicas severas, onde o combate não havia cessado.

Para executar essa operação logística extremamente complexa é preciso, ainda, individualizar cada material, de modo a designar a destinação adequada, quer seja a reciclagem, destruição, reutilização ou reinserção no mercado. É preciso, ainda, conhecer as rotas a serem adotadas, por quais países passarão, qual o desembarço alfandegário necessário para executá-la e o tempo necessário para realizar toda a desmobilização, de modo que, a partir do fim do conflito ou de decisão política para encerrá-lo, o Exército esteja preparado para inicia-lo e conclui-lo no prazo previamente estipulado.

Embora, a partir de 2014, boa parte dos materiais de emprego militar norte-americanos tenha sido desmobilizada com sucesso, após a saída definitiva do Exército Americano do Afeganistão em 30 de agosto de 2021, fora exposto pela mídia que o Talibã ostentava cerca de 7 bilhões de dólares em equipamentos, veículos,

helicópteros e armamentos militares americanos deixados para trás durante a evacuação da tropa americana do país.

Esta desmobilização abrupta e mal planejada já havia acontecido com os americanos anteriormente. Na década de 1970, os sul-vietnamitas, apoiados pelo Exército Americano, perderam mais de 1 bilhão de dólares em materiais de emprego militar diversos, entre eles, 15 toneladas de munição e 100 toneladas de explosivos, devido a uma decisão de retirada abrupta dos militares americanos de cerca de dois terços do território vietnamita ocupado à época, sem coordenar a logística necessária para executar esta operação da maneira adequada. Na Guerra do Iraque e na Síria, por falta de controle na transferência de armamentos e na desmobilização, armamentos norte-americanos foram parar nas mãos de seus adversários no conflito.

E os americanos repetiram o erro mais uma vez no Afeganistão, através de uma sucessão de infortúnios. Começou quando o então presidente Donald Trump havia assinado um acordo com o Talibã, excluindo o governo afegão, estabelecendo a retirada das tropas americanas do território afegão até dia 1º de maio de 2021, o que a administração Trump cumpriu, diminuindo o efetivo no Afeganistão de 13.000 homens para apenas 2.500 até 15 de janeiro. Enquanto a atenção do governo se manteve na desmobilização de pessoal, possivelmente devido ao seu apelo político, não foi dada a mesma atenção à complexa operação de logística reversa dos materiais restantes.

Durante a assunção do presidente Joe Biden em 2021, ficou comprovado que, embora sendo uma instituição de Estado, o Exército sofre grande influência das decisões tomadas no cenário político. Isto porque a administração Biden decidiu que seria necessário mais tempo para conduzir a retirada das tropas americanas remanescentes, com mais garantias do Talibã em relação ao acordo firmado com o presidente Donald Trump em 2020. O Talibã logo respondeu que o não cumprimento do prazo abriria precedente para uma resposta dos extremistas e que os americanos seriam responsáveis por quaisquer atos futuros.

Com a escalada da crise ao longo de 2021, a administração Biden ignorou, ainda, os relatos da inteligência norte-americana sobre a possibilidade de o governo afegão colapsar. Em julho de 2021, o presidente americano não acreditava na possibilidade de uma retomada do país pelos talibãs. Entretanto, em agosto, através de uma rápida ofensiva, os talibãs tomaram controle do país, forçando a retirada americana até o final do período.

Entre os materiais capturados pelo Talibã estão 42.000 veículos leves, 22.174 veículos tipo *Humvee*, 8.000 caminhões, 634 blindados M117, além de mais de 600.000 armamentos leves. Especialistas em geopolítica ressaltam que a captura de aeronaves norte-americanas deixadas para trás, ainda que sem o devido contrato de

manutenção e suporte logístico para seu funcionamento ideal, torna o Talibã o único grupo terrorista com este tipo de capacidade militar.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Embora possamos inferir que o principal motivo para o fracasso na logística reversa americana ao término da Guerra do Afeganistão tenha suas raízes no cenário político que acaba interferindo no planejamento estratégico e por conseguinte no planejamento tático do exército americano, um oficial de logística do exército americano, o capitão Christopher A. Donnahoe aponta, em um artigo publicado na *U.S. Army Logistics University*, que a principal dificuldade para se executar a logística reversa é a não inclusão desta parte do ciclo logístico no planejamento logístico inicial. (p. 31, DONNAHOE, Christopher, 2012)

O autor cita que o Exército Americano planeja as suas necessidades para que a tropa consiga cumprir uma determinada missão. Ele realiza uma comparação de que se uma determinada guerra dura 10 anos, eles não executam uma logística de 10 anos, visando a continuidade das operações, perpassando todo o ciclo logístico e sim uma logística focada nas missões que se tem a cumprir, o que resultaria num planejamento de 1 ano 10 vezes, sem considerar o resultado do planejamento anterior para executar o próximo. Isso causa um exagero na determinação das necessidades, onde a tropa, por muitas vezes recebe material em excesso e não sabe como executar a logística reversa para dar a correta destinação a eles. (p. 32, DONNAHOE, Christopher, 2012)

Com o exemplo americano podemos compreender que executar uma logística reversa para desmobilização é uma tarefa árdua, principalmente quando a tropa se encontra desdobrada em outro país. Durante o fim da Guerra do Afeganistão o Exército Americano, seguindo a decisão tomada no poder político iniciou a evacuação do seu pessoal, porém a retirada do material de emprego militar ocorreu de maneira muito mais lenta. Uma escalada na crise naquele país provocou uma aceleração no processo de retirada. Acelerar a retirada de pessoal não foi difícil, contudo, a retirada do material de emprego militar não foi possível ser acelerada, principalmente devido a rápida retomada do Talibã de grande parte do território afegão sem muita resistência do exército regular do governo afegão.

Com este exemplo ficam alguns ensinamentos. O primeiro deles é que um Exército deve estimular uma mentalidade de planejamento logístico em seus militares que compreenda todo o ciclo logístico, tanto no início da missão com a determinação das necessidades para se cumpri-la, quanto ao término da missão com uma efetiva desmobilização, para que o material empregado tenha a correta destinação.

O segundo ensinamento é que o Exército deve compreender suas capacidades e limitações para se antecipar aos problemas que possam advir. No fim da guerra,

diversas empresas especializadas em logística militar poderiam ter sido contratadas de maneira emergencial para realizar a retirada do material de maior valor agregado do Afeganistão, o que não foi realizado.

Por último, uma vez tomada uma determinada decisão política acerca de uma missão a ser executada pelo Exército, deve caber aos militares o planejamento de como e quanto tempo a missão precisará para ser realizada. Uma vez que acordos políticos estabelecem prazos, por vezes impossíveis de atingir, falhas graves como a da Guerra do Afeganistão e do Vietnã podem tornar a acontecer.

6. REFERÊNCIAS

AS Logistics. **Taliban, Islamic State arm themselves with weapons US left behind.** 2016. Disponível em: < <https://asl-af.com/afghanistan/retrograde-logistics/>>. Acesso em 26 set 2022.

BANIAN, David. **From Hard to Harder: Iraq Retrograde Lessons for Afghanistan.** United States Army War College, 2013. Disponível em: <<https://apps.dtic.mil/sti/pdfs/ADA592648.pdf>>. Acesso em 26 set 2022.

BRASIL. Exército. **EB70-MC-10.216:** Manual de Campanha A Logística nas Operações. 1ª Ed. Brasília, DF, 2019.

_____. _____. **EB70-MC-10.238:** Manual de Campanha Logística Militar Terrestre. 1ª Ed. Brasília, DF, 2018.

BRAZ, Márcio A L. **A Logística Reversa nas Operações no Amplo Espectro.** Doutrina Militar Terrestre, Brasília, DF. p. 54. Jan a Abr, 2017. Disponível em: <<http://ebrevistas.eb.mil.br/DMT/article/download/599/664/>> Acesso em 26. set 2022.

DONNAHOE, Christopher A. **Reverse Logistics Operations in Afghanistan.** U.S. Army Logistics University, 2022. Disponível em: <https://alu.army.mil/alog/PDF/Reverse_Logistics_Operations.pdf>. Acesso em 26 set 2022.

FAREHNKOPF, Nolan. **Taliban, Islamic State arm themselves with weapons US left behind.** The Conversation, 2022. Disponível em: < <https://theconversation.com/taliban-islamic-state-arm-themselves-with-weapons-us-left-behind-167960>>. Acesso em 26 set 2022.

GAJIC, Alexander; RAJIC Nikola. **Withdrawal Of U.S. Troops From Afghanistan: Exit Strategies.** Institute for Political Studies, 2021. Disponível em: <https://www.ips.ac.rs/wp-content/uploads/2022/01/pnb2_2021-5.pdf>. Acesso em 26 set 2022.

KIELY Eugene; FARLEY, Robert. **Timeline of U.S. Withdrawal from Afghanistan**. Fact Check Posts, 2021. Disponível em: < http://dlaster.com/DOCUMENTS/POLITICAL/Timeline_of_US_Withdrawal_from_Afgahnistan.pdf>. Acesso em 26 set 2022.

MEHRA, Tanya; DEMUYNCK, Méryl; WENTWORTH, Matthew. **Weapons in Afghanistan: The Taliban's Spoils of War**. International Centre for Counter-Terrorism, 2022. Disponível em: <<https://icct.nl/app/uploads/2022/02/The-Spoils-of-War-final.pdf>>. Acesso em 26 set 2022.

QUEIROZ, Silvio. **Tropas dos EUA deixam um Iraque "invertebrado"**. Correio Braziliense, 2010. Disponível em: <<https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/46597/noticia.htm?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em 26 set 2022.

SCHAEFFER, Katherine. **A year later, a look back at public opinion about the U.S. military exit from Afghanistan**. Pew Research Center, 2022. Disponível em: <<https://www.pewresearch.org/fact-tank/2022/08/17/a-year-later-a-look-back-at-public-opinion-about-the-u-s-military-exit-from-afghanistan/>>. Acesso em 26 set 2022.

SMITH, Crispin. **Still at War: The United States in Iraq**. Just Security, 2022. Disponível em: <<https://www.justsecurity.org/81556/still-at-war-the-united-states-in-iraq/>>. Acesso em 26 set 2022.

VALIJONOVICH, Nasimov. **The Situation In Afghanistan after the Withdrawal of US Troops and its Impact on Regional Security**. International Journal of Social Sciences & Interdisciplinary Research, 2022. Disponível em: < <https://gejournal.net/index.php/IJSSIR/article/view/574>>. Acesso em 26 set 2022.

WEINRAUB, Bernard. **Arms Left by U.S**. International Journal of Social Sciences & Interdisciplinary Research, 2022. Disponível em: < <https://gejournal.net/index.php/IJSSIR/article/view/574>>. Acesso em 26 set 2022.